As concepções pedagógicas e raciais do educador lavrense José Luiz de Mesquita no periódico paulista “Getulino” de Campinas (1923-1926)

Dayane Ferreira Martins – UNILAVRAS

Graduanda em Pedagogia

E-mail: dayanemartins@hotmail.com

Fone: (35)9 8898-9578

Kildo Adevair dos Santos – UNILAVRAS

Mestre em Educação – UFMG

E-mail: kildometralha@yahoo.com.br

Fone: (35)9 9934-9336

Data de chegada: 09/04/2015

Data de aprovação: 06/08/2015

Resumo: O presente trabalho trata-se de uma pesquisa de iniciação científica financiada pela FAPEMIG, focalizada em analisar os discursos do educador e jornalista lavrense José Luiz de Mesquita durante a sua breve contribuição no periódico de militância negra “Getulino” de Campinas/SP entre 1924 e 1925. Para tanto fundamentamo-nos nos periódicos microfilmados do “Getulino”, pertencentes ao Arquivo Edgard Leuenroth (AEL) do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Foram selecionados os textos relacionados à educação e àqueles clivados a uma ideologia racial, escritos pelo professor. Para a análise do discurso, apoiamo-nos nas reflexões Eni Puccinelli Orlandi, como também em Stuart Hall, para compreender o processo de formação de identidades. A pesquisa revela o pensamento de um professor negro que acreditava ser a educação a principal ferramenta para o negro erigir-se na sociedade livre, mas, apesar disso, acreditava também haver entre os negros muito descaso com a própria formação.

Palavras-chave: Imprensa negra – Educação – Raça

Introdução

O intuito original deste trabalho é compreender o ideário de educação e raça de um professor negro chamado José Luiz de Mesquita que viveu em Lavras, (cidade localizada ao sul do estado de Minas Gerais) até meados de 1967, trabalhando em prol dos operários, dos analfabetos e principalmente pela elevação da cultura dos negros de Lavras e região. O trabalho surgiu da necessidade de se investigar os pensamentos que norteavam as ações desse professor que, através de sua Escola Noturna, criada em 1910, alfabetizou mais de 5.000 jovens e adultos¹³. Além disso, a pesquisa fornece elementos necessários para discutir a ideia de um suposto afastamento da população negra com a educação.

Através dessa pesquisa, aproximamo-nos um pouco da relação estabelecida entre professores, a população negra e a educação no início do século XX, utilizando principalmente os discursos do educador e jornalista em sua participação na edição do periódico campineiro O Getulino¹⁴ em meados de 1924.

Primeiramente, discorreremos sobre as contribuições da História da Educação para o enriquecimento das discussões sobre a educação dos negros, para então tratar das contribuições do professor para o jornal. Por fim analisamos seus escritos e concluímos a análise levando em conta principalmente o contexto histórico em que vivia a população negra da época.

1. A história da educação e as pesquisas sobre a história do negro

A historiografia educacional vem demonstrando intenso interesse pelas questões étnicas e suas implicações na sociedade. Esse interesse auxilia, por exemplo, na obtenção de clareza em uma das questões que se mostrou muito polêmica na sociedade brasileira: o acesso diferenciado da população negra ao ensino superior. A Lei 12.711/2012, chamada Lei das Cotas, definiu que as Instituições de Ensino Superior vinculadas ao Ministério da Educação e as Instituições Federais de Ensino Técnico de Nível Médio devem reservar 50% de suas vagas para estudantes egressos de escolas públicas e com renda familiar igual ou inferior a um salário mínimo e meio per capita. A lei também adota critérios raciais para a cota (pretos, pardos e indígenas)¹⁵.

Já em 2014, o Senado Federal aprovou o projeto de lei que reserva 20% das vagas oferecidas nos concursos públicos federais a pretos e pardos, mas o debate ainda está longe de acabar, uma vez que grande parte da sociedade alega que essa medida fere o princípio constitucional da igualdade. O mito da democracia racial entre os brasileiros é o responsável pela propagação da ilusão, de que no Brasil todos vivem em perfeita igualdade étnica e faz parecer absurda a adoção de políticas públicas específicas para afrodescendentes. De acordo com o último Censo demográfico realizado no país, no total da população, a taxa de analfabetismo é de 9,6%. Entre os brancos, esse índice caiu para 5,9%, já entre pardos e pretos a taxa subiu para 13% e 14,4%, respectivamente¹⁶. São dados que revelam um pouco do abismo social existente entre brancos e negros¹⁷, justificando por si só a adoção de tais políticas reparadoras.

¹³ O MARTINS, D.F; SILVA, K.A da. Uma configuração histórica de educação de jovens e adultos: A Escola Noturna de Lavras (1910-1954). *Saberes Interdisciplinares*, IPTAN, São João del-Rei, n. 13, p. 17-40, jan.-jun.2014.

¹⁴ Arquivos consultados no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) UNICAMP – Arquivo Edgar Leuenroth – Campinas – SP.

A história da Educação tem se dedicado a contestar algumas teorias que justificam essas diferenças alegando que no Brasil os negros não frequentaram a escola. São pesquisas que mostram outra realidade, como o trabalho de Marcus Vinícius Fonseca, intitulado *População negra e educação: o perfil das escolas mineiras no século XIX*, o qual revela a aproximação da população negra com esse importante código de liberdade: a educação, despontando outra escola pública no séc. XIX, marcadamente negra. “Havia um predomínio absoluto de negros nas Escolas de Primeiras Letras da província de Minas Gerais no século XIX” (FONSECA, 2009, p. 229). Contudo, a história do negro brasileiro é marcada por determinismos e inverdades que tendem a colocar o sujeito negro à margem da sua própria história, a desconsiderá-lo como sujeito atuante e a limitá-lo a uma identidade estática e uniformizada. Essas teorias afirmam que os negros teriam sido inseridos de forma marginal na sociedade livre, por não compreenderem a importância de instituições como a escola. É nessa perspectiva que este estudo está focalizado em analisar os discursos produzidos pelo professor negro José Luiz de Mesquita, em sua participação no periódico de militância negra *O Getulino*, visando mostrar como ele compreendia a escolarização.

O discurso se materializa linguisticamente por meio de textos. Dessa forma, analisando um texto pode-se compreender o funcionamento do discurso. Para Orlandi (2001), o conceito fundamental na análise do discurso é o de condições de produção, isto é, um conjunto de elementos intrínsecos ao discurso: o lugar de onde falam, o contexto histórico-social, a imagem projetada de si, do outro e do assunto de que estão tratando. Tudo isso deve ser observado quando procuramos entender o sentido de um discurso.

2. Metodologia

Este trabalho fundamentou-se em fontes primárias que foram encontradas nos acervos do Arquivo Edgar Leuenroth (AEL), pertencente ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Ele reúne um acúmulo com mais de 11.500 títulos de periódicos, capaz de fornecer informações importantes para a localização de José Luiz de Mesquita na participação do periódico. Foram selecionados, os artigos publicados no “*Getulino*” assinados pelo mesmo. O primeiro, datado em 24 de agosto de 1924, e o último, em 20 de janeiro de 1925, abordam temas ligados ao patriotismo, educação e raça. A interpretação foi realizada a partir da análise do discurso. Orlandi (2001) elucida que “(...) o objetivo da análise de discurso é descrever o funcionamento do texto. Em outras palavras, sua finalidade é explicitar como um texto produz sentido” (ORLANDI, 2001, p. 23). E para significar, a língua se insere na história. Um discurso sem história não faz sentido, “(...) é a inscrição da história na língua que faz com que ela signifique” (ORLANDI, 1994, p. 53). Também nos baseamos nas reflexões de Stuart Hall (1998) para uma compreensão mais abrangente sobre a formação das identidades.

¹⁵ BRASIL. Senado Federal | Portal de Notícias. Vai para sanção texto que prevê cota obrigatória nas federais, em 08 de agosto de 2012. Disponível em: <http://migre.me/acShb> Acesso em: 23 jan. 2015.

¹⁶ Ver: censo2010.ibge.gov.br/

¹⁷ O atual sistema de classificação racial empregado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) adota a utilização de cinco categorias raciais: preto, branco, pardo, amarelo ou indígena. A agregação de pessoas pretas e pardas formam um grande grupo populacional: os negros. Portanto, a utilização do termo preto pode não ser equivalente a usar a categoria negro. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/caracteristicas_raceis/notas_tecnicas.pdf Acesso em: 24 ago. 2015.

Hall (1998) afirma que a modernidade tornou perceptível a fragmentação dos sujeitos, que reúnem múltiplas identidades dentro de si, e, assim, surgiu "(...) o sujeito pós-moderno, conceituado como isento de identidade fixa, permanente ou essencial" (HALL, 1998, p. 78). Para o autor, o sujeito assume identidades diferentes em momentos diversos.

3. Contribuições de José Luiz de Mesquita no 'Getulino'

"Getulino" foi um periódico de militância negra criado em 1923, na cidade de Campinas, em São Paulo. Como afirmavam seus redatores Lino Guedes, Gervásio de Moraes, Benedito Florêncio, Alcino de Moraes e os irmãos Martinho e Christino José de Andrade, era o 'órgão para a defesa dos interesses dos homens de cor'.

Para Miranda (2005), o título foi uma homenagem ao abolicionista republicano Luiz Gama. Gama foi vendido pelo seu pai como escravo quando era criança, mas, consciente, fugiu e conquistou sua liberdade. Advogado e poeta, dedicou-se ao movimento abolicionista e foi mitificado pela imprensa negra. Getulino era um de seus pseudônimos.

Miranda (2005) afirma que o jornal tinha quatro páginas de periodicidade semanal e seu custo era de \$200 réis (avulso). O jornal acumulou 64 edições ao longo de seus dezoito meses de existência. O autor afirma que o jornal fazia correspondência com diversas cidades da região: Limeira, Itapira, Mogi-Guaçu e também a capital paulista. Entretanto, acrescentamos outra cidade correspondente até então nunca mencionada nos estudos referentes ao "Getulino", a cidade de Lavras, situada ao sul do estado de Minas Gerais, como mostra a seguinte nota no referido jornal:

Prevenimos aos nossos bondosos assinantes da cidade de Lavras, que o nosso amigo professor José Luiz de Mesquita vai proceder o recebimento das assinaturas do 'Getulino' nessa localidade. Certo do cavalheirismo que vão dispensar ao representante deste jornal, antecipamos-lhe o nosso agradecimento (GETULINO, 1924, n°50, p. 1).

José Luiz de Mesquita era um homem negro de grande importância social para a cidade. Muito envolvido com a causa dos negros, dos analfabetos e dos operários, foi professor da "Escola Noturna de Lavras"¹⁸, escola que ele criou em 1910, denominada como "Escola Operária" e que o estado oficializou em 1922. Fundou a "Associação Beneficente dos Operários Lavrenses" em 1909, um ano depois da "Banda Euterpe Operária", uma banda formada por homens negros, em funcionamento até a atualidade na cidade de Lavras. Na imprensa, fundou "O Operário", jornal defensor da classe, tendo-o sustentado durante 3 anos; trabalhou no "O Municipal", "O Incentivo", "O Município", "O Civilista", "Tribuna do Povo", "Ei!", revista ilustrada, "O Repórter" e "Ação Social" de São João del-Rei, "O Bambuí" de Bambuí, "28 de setembro" de Pouso Alegre, "A Abelha" e "O Verbo" de Nepomuceno, e "O Operário" de Lisboa, Portugal. Foi professor da Liga Antianalfabética de Lavras¹⁹, uma organização cívico-nacionalista que tinha o objetivo de eliminar o analfabetismo na cidade de Lavras de 1916 à 1922. No ano de 1924, passou a fazer parte da equipe de redatores do jornal:

¹⁸ MARTINS, D. F.; SILVA, K. A da. Uma configuração histórica de educação de jovens e adultos: A Escola Noturna de Lavras (1910-1954). *Saberes Interdisciplinares* – IPTAN, São João del-Rei, n. 13, p. 17-40, jan.-jun. 2014.

¹⁹ MARTINS, D. F. A *Liga Antianalfabética de Lavras*: análise histórica de uma política educacional de alfabetização de jovens e adultos (1916-1922). 2014, 41f, Monografia (Graduação em Pedagogia). Centro Universitário de Lavras, Lavras, 2014.

A RAÇA NEGRA NO BRASIL

Jubiloso, transmitimos aos nossos leitores, a graça nova de contarmos, já, entre o nosso escolhido corpo de colaboradores[sic], o provecto professor estadual, quão grande músico mineiro José Luiz de Mesquita, que no próximo número, com o judicioso artigo, cujo título encima estas linhas inicia sua colaboração no Getulino (GETULINO, 1924, n° 50, p. 1).

A coluna de José Luiz, A raça negra no Brasil, esteve durante algumas edições na primeira página e a respeito disso Miranda aponta:

Essas matérias de primeira página também eram crivadas pela proposta moralizadora do jornal, trazendo muitas vezes certos julgamentos morais e juízos de valor por parte de seus autores. Debates que enfocavam o papel das raças na sociedade também foram bastante comuns nesse espaço citado (...) (MIRANDA, 2005, p. 49).

Os artigos escritos pelo professor retratavam a posição social do negro, enfatizando o descaso pela educação que, segundo ele, era a ferramenta necessária para a libertação do homem preto.

4. Raça e educação no discurso de José Luiz de Mesquita

José Luiz era um homem católico, co-fundador da União dos Moços Católicos e da Conferência São Vicente de Paula²⁰. Em seu discurso, fica explícito o caráter moral e religioso que ele atribuiu à educação. Segundo Miranda (2005), são vários os artigos dedicados ao tema da instrução no "Getulino". Neles, predominam a junção de uma educação intelectual com outra de tendência moral e religiosa, como se pode observar no conteúdo da matéria do referido jornal, escrito por José Luiz de Mesquita, intitulada 'Perfídia':

Este sentimento aviltante e insidiador que germina no coração do homem é prova evidente de que o ente que não receber educação perfeitamente sã, baseada na regra da moral cristã [sic], torna-se um fardo social, ou por outra um terrível demolidor das nobres aspirações humanas (GETULINO, 1924, n° 59).

Perfídia é a qualidade do que é desleal, pífido, traidor. Para o professor, é o resultado da má educação, não baseada na moral cristã. Domingues (2002) aponta que, para se afirmar os valores considerados nobres pela sociedade inclusiva, o negro deveria defender ao máximo a moral e os bons costumes da classe dominante, e isso incluía ser religiosamente católico, cumpridor de seus deveres. O catolicismo, segundo Miranda (2005), foi representado pelos redatores do jornal como a verdadeira religião: "Pertencer ao catolicismo, tomado como o comportamento adequado e normal, significava encontrar aceitação social, enquanto comungar outro credo se constituía no desvio, no estranho, ou seja, no anormal" (MIRANDA, 2005, p. 191). O código de moral assumido pelo jornal e compartilhado pelo professor José Luiz seguiria um modelo associado ao Cristianismo, transmitindo a ideia de que somente a religião católica poderia auxiliar o negro em uma possível reabilitação social.

De acordo com Carvalho (2009), esse código de moral se fazia necessário porque, segundo os redatores do jornal, o negro deveria reabilitar-se porque trazia consigo comportamentos negativos,

²⁰ Vultos José Luiz de Mesquita. Museu Bi Moreira

responsáveis por sua situação marginal. Desse modo, o periódico campineiro se responsabilizou por ditar os comportamentos necessários para que o homem negro pudesse erigir-se, apoiando-se principalmente na família e na educação formal.

Ao definir os comportamentos considerados desviantes, ou seja, responsáveis por afastar o indivíduo negro do padrão de conduta eleito como dignificante pelo jornal, os redatores e articulistas revelaram os valores e as instituições que prezavam. Para superar práticas consideradas por eles como vícios e problemas que prendiam o homem negro ao passado escravista e o impediam de progredir, o *Getulino* advogou a favor dos benefícios proporcionados pela educação formal, pela dedicação à família e ao trabalho honesto (MIRANDA, 2005, p. 202).

Uma educação pautada na moral e na religiosidade tornou-se instrumento de purificação social nas páginas do "Getulino". Seguindo a doutrina do periódico campineiro, José Luiz de Mesquita apontou que a falta de instrução era um dos responsáveis pelo impedimento do progresso da raça:

Duas cousas concorrem eficazmente para deter o passo que os negros devem dar em prol de suas reivindicações. Uma é a falta de união da raça: outra é o descaso com o ABC. É preciso combater o analfabetismo, exclama esse antro terrível que qual um espectro sinistro vem corroendo ideias e impedindo a marcha célere do progresso da nossa raça. Há muita inteligência entre os pretos, porem há também pouca vontade de aprender [*sic*]. (GETULINO, 1925, n° 65).

O que impediria o homem de buscar a escola e assim poder realizar-se como tal? O preconceito? A discriminação racial? A desigualdade social? Para o professor, não era nenhum desses fatores externos. Para ele, a questão era pessoal: havia pouca vontade de aprender. Nesse trecho, o professor e redator ignora ser a verdadeira condição social que os negros enfrentavam no contexto pós-abolição e responsabiliza ser o próprio indivíduo pela retardada evolução social.

A ideia difundida pelo jornal, segundo Carvalho (2009), era a de que o maior inimigo do preto era o próprio preto. Para o autor, a preocupação mais frequente do "Getulino" era não fazer do preconceito o alibi para justificar o seu fracasso. Nas entrelinhas, o que o professor parece dizer é que o negro não procurava a escola porque não queria, ou seja, havia pouca vontade de aprender.

A crítica realizada por José Luiz de Mesquita associa o analfabetismo com a falta de iniciativa pessoal e coloca o analfabetismo como um problema individual, não social, "menosprezando qualquer responsabilidade que outras instituições de caráter social – poder público omissivo – e cultural – a escola preconceituosa – pudessem ter" (MIRANDA, 2005, p. 204).

Vale lembrar que a população negra não foi impedida de frequentar o ambiente escolar, mas as barreiras sociais dificultavam o acesso à escola. Barreiras como o racismo nas escolas e a constante necessidade de sobrevivência:

Assim como ter de provar que eram livres, durante a vigência da escravidão, diversos outros mecanismos foram acionados para dificultar o ingresso e a permanência de alunos negros na escola, mesmo após o fim da escravidão. Depoimentos mostram que falta de "vestimentas adequadas", ausência de um adulto responsável para realizar a matrícula, dificuldades para adquirir material escolar e merenda, por exemplo,

eram empecilhos enfrentados por alunos dessa origem para acessar a escola [grifo meu] (BARROS, 2005, p. 85).

No entanto:

As dificuldades enfrentadas por alunos negros, presentes durante o século XIX, permanecem nas primeiras décadas do século XX; no mesmo período em que aconteciam os debates acerca da importância da disseminação da educação popular (BARROS, 2005, p. 85).

Florestan Fernandes em *A integração do negro à sociedade de classe* (1964) afirma que a família negra, descrente da educação, ignorava a existência e a utilidade das escolas. Por outro lado, Fonseca (2009) afirma que em Minas Gerais a população negra, desde o século XIX, frequentou as escolas e buscou na instituição elementos para sua afirmação. Mas, para Barros (2005), uma análise mais acurada revela que essa valorização não era disseminada por todo território brasileiro, o grupo não estava completamente inserido nos espaços escolares.

Uma explicação possível é que uma parte dela estaria inserida na realidade das populações mais pobres que, preocupadas com a sobrevivência mais imediata ou ainda com uma apreensão diferente da importância da escolarização, não buscavam a escola da maneira como esperavam os responsáveis por ela (professores, inspetores, Estado). Estes depositavam uma grande esperança de regeneração dessa população através de seu acesso à instrução formal (BARROS, 2005, p. 88).

Ficou evidente a função social que o professor negro exercia no início do século XX. Fez parte da pequena elite do momento e por isso seu discurso é controverso com a realidade vivenciada pela maioria dos negros daquela época. Se torna ainda mais controverso se considerarmos que ele escrevia para um jornal (pago) defensor dos negros em uma sociedade que exibia, de acordo com Ferraro (2009), um percentual de 71,2% de analfabetos em 1920, a grande maioria negros pobres.

Considerações finais

Ao findar nossa reflexão, concluímos que ver a linguagem do ponto de vista discursivo significa ir ao seu contexto histórico-cultural. No discurso produzido por José Luiz está toda a sua história e parte da história do grupo social que defendia e pertencia. A partir do que foi dito e silenciado identificamos as relações de interação, de oposição e as relações de poder e de dominação.

O professor propunha uma educação fundamentada na moral e nos princípios do catolicismo, o que era comum na imprensa negra naquele tempo. Assim, como para os demais redatores, o catolicismo foi tomado como o veículo que libertaria o homem negro de seus vícios do passado escravista e o aproximaria da sociedade inclusiva. Essa proposta se adequava perfeitamente ao projeto de “branqueamento”, difundido especialmente em São Paulo, donde os negros assimilariam os comportamentos positivos dos brancos para uma possível promoção social.

Professor, jornalista, músico, eram muitos os predicados do negro José Luiz de Mesquita. Além disso, era o que distinguia o professor dos outros negros e o colocava em posição privilegiada na sociedade pós-abolida. Na imprensa lavrense, era retratado como “preto de alma branca”. Isso demonstra como o mesmo sujeito, dependendo de suas condições sociais, poderia ser classificado como negro, branco ou quase branco. Além de revelar as características que separavam os negros da plebe, dos negros

"branqueados socialmente" José Luiz não negava a existência da discriminação racial, mas procurava não fazer do preconceito o alibi para justificar o fracasso. Ele via a educação como principal ferramenta para a ascensão social do grupo, mas acreditava haver muito descaso com a mesma entre os negros. É certo que não se tratava exatamente de descaso. A população negra mais pobre, preocupada com a sobrevivência, não buscava a escola como esperavam os professores e os demais profissionais da educação. A condição de ser negro era um fator importante para a atuação desse homem, mas não determinava suas atitudes e não impedia a oposição de ideias. Interpretar a atitude desse professor como uma expressão comum de resistência e luta significa empobrecer a reflexão da subjetividade que acompanha o homem por toda a história, é cristalizar o movimento negro.

Referências

- BARROS, S. A. P. de. Discutindo a escolarização da população negra em São Paulo entre o final do século XIX e início do XX. História da Educação dos Negros e outras Histórias, Brasília 2005. *Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade* (Secad/MEC). Disponível em: <http://etnicoracial.mec.gov.br/images/pdf/.../historia_educacao_negro.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2014.
- BRASIL. Senado Federal. Portal de Notícias. Vai para sanção texto que prevê cota obrigatória nas federais, em 08 de agosto de 2012. Disponível em: <<http://migre.me/acShb>> Acesso em: 23 jan. 2015.
- CARVALHO, G.L. de. *A imprensa negra paulista entre 1915 e 1937: características, mudanças e permanências*. 2009. 210f. Dissertação (Mestrado em História Econômica) – Universidade de São Paulo, São Paulo: USP, 2009. Disponível em: <www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8137/tde-05022010.../pt-br.php> Acesso em 16 jan. 2015.
- DOMINGUES, P. J. Negros de almas brancas? A Ideologia do Branqueamento no Interior da comunidade negra em São Paulo, 1915-1930. *Estudos Afro-Asiáticos*, Ano 24, nº 3, 2002, p. 563-599. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/ea/v24n3/a06v24n3> Acesso em 3 out. 2014.
- FERNANDES, F. A integração do negro à sociedade de classes. *Boletim da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. Sociologia I* (12). São Paulo: USP, 1964.
- FERRARO, A. R. *História Inacabada do Analfabetismo no Brasil*. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2009. 207 f.
- GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. Ed. São Paulo: Atlas, 2009.
- GETUINO, nº 50, p. 1, ANO II, 1924.
- GETUINO, nº 59, p. 1, ANO II, 1924.
- GETULINO, nº 65, 1925.
- HALL, S. A questão da identidade cultural. *Textos didáticos*. Tradução Andréa B. M. Jacinto. Campinas: UNICAMP, 1998.
- MATHIESON, L. C. A formação do cidadão republicano e o projeto político-pedagógico da Liga Nacionalista de São Paulo. In: *XXVII Simpósio Nacional de História*, 2013, Natal – RN. Disponível em: <www.snh2013.anpuh.org/resources/.../1371036584_ARQUIVO_liga.nac>. Acesso em 2 mai. 2014.
- MIRANDA, R. *Um caminho de suor e letras: a militância negra em campinas e a construção de uma comunidade imaginada nas páginas do Getulino* (Campinas 1923-1926). 2005. 273f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005. Disponível em: <www.scielo.br/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=000215&pid>. Acesso em: 3 out. 2014.

- MARTINS, D. F. A *Liga Antianalfabética de Lavras*: análise histórica de uma política educacional de alfabetização de jovens e adultos (1916-1922). 2014. 41 f. Monografia (Graduação em Pedagogia). Lavras: Centro Universitário de Lavras, 2014.
- MARTINS, D. F.; SILVA, K. A. da. Uma configuração histórica de educação de jovens e adultos: A Escola Noturna de Lavras (1910-1954). *Saberes Interdisciplinares* – IPTAN, São João del-Rei, n.13, p.17-40, jan./jun.2014.
- ORLANDI, E. P. Discurso e texto – Formulação e circulação dos sentidos. Pontes. Campinas, 2001.
- ORLANDI, E. P. Discurso, imaginário social e conhecimento. *Em Aberto*, Brasília, ano 14, n. 61, p. 53-59, jan./mar. 1994.

Pedagogical, Racial View According to José Luiz de Mesquita – “Getulino” Periodical – Campinas(SP) – 1923-1026

Abstract: The present paper refers to a scientific initiation project that was supported by FAPEMIG. The aim of this study is to analyse José Luis de Mesquita's speech, educator and journalist, during the period of time in which he has contributed to the black militancy “Getulino”, from Campinas, Minas Gerais State, between the years of 1924 – 1025. In order to achieve our objective, we used “Getulino” microfilmed periodical as primary source for our research – Edgard Leuenroth File – Human Science and Philosophy Institute at UNICAMP. Texts related to education and racial ideology were selected, all of them written by the author. In order to better understand the discourse analysis and the identity construction process, our list of references includes Eni Puccinelli Orlandi and Stuart Hall. Our research reveals the black teacher's thought together with his belief that education was the main tool for black men to reach the higher position in free society. Nevertheless, he believed there was a lack of interest by the black men with respect to their own education.

Keywords: Black Press – Education – Breed